

A DEMOCRACIA

FOLHA REPUBLICANA

PROPRIEDADE DE DIAS & MELLO

PUBLICA-SE DUAS VEZES POR SEMANA

Anno II

ASSIGNATURAS
CORTE E PROVINCIAS
10\$000 POR ANNO

Rio de Janeiro, 1 de Dezembro de 1887

TYPOGRAPHIA
E ESCRIPTORIO
40 RUA DE S. JOSÉ 40

N. 46



Rio, 1 de Dezembro de 1887.

O "Correio de Campinas"

Devido aos bons officios de nosso distincto amigo e confrade o Sr. Jayme Dias, actualmente em viagem na provincia de S. Paulo, avistamo-nos enfim, com o *Correio de Campinas*, diario, segundo supponho, que, como o indica seu titulo, vê a luz na cidade de Campinas.

É um jornal como ha muitos, sem intuitos definidos, sem personalidade, sem interesse, perfeitamente característico e perfeitamente inoffensivo e anti-syntaxico. Tem no cabeçalho as seguintes dizeses: *Correio de Campinas, propriedade de uma associação commanditaria, director Henrique de Barcellos, anno III. n. 859*, além de outros que se referem aos pregos de sua assignatura, á rua e ao numero da casa de seu escriptorio de redacção e a condição de só receber assignaturas de semestre e de anno.

Nada de proprio, por conseguinte, de individual ou de significativo; todavia, e embora se recuse o leitor a nos dar credito, palpito de intenso jubilo a nossa alma, quando fizemos o seu conhecimento. Não acredita?

Pois, palpito.

Este sr. *Correio* é que é o autor de uns versos em prosa, que a *Gazeta de Noticias*, ha cerca de oi o dias, passou para suas columnas, e aos quaes nos referimos, a proposito da commutação da pena de morte que peza sobre José Pinto de Almeida Junior. Tão desastrosamente e em tão má hora o fizemos porém, que atirando sobre o que vimos fomos matar o que não vimos, isto é, que suppondo rebater uma tirada lyrica do *Correio Paulistano*, fomos irritar a vaidade de um redactor do *Correio de Campinas*, que muito impado de sua gloriola de jornalista provinciano e do triumpho de se ver transcripto por duas folhas da capital de S. Paulo e por uma da capital do Imperio, não pôde soffrer que um jornal das modestas proporções da *Democracia* tivesse deixado de atirar por terra um golpho diante da inviolabilidade de suas opiniões.

Mas, sr. *Correio*, repare que nós não o conheciamos, nem de vista, nem de nome, nem de fama, e que se nos affontamos a discordar de tão chorosas opiniões, foi isso resultado da circumstancia de ignorarmos a preclara existencia de vossa mercê.

E queira perdoar-nos.

Este sr. *Correio*, logo no alto da primeira columna do numero que temos a vista, noticia sete anniversarios natalícios, com muito brilhantismo e independencia. Em seguida, depois de uma tarja de luto alliviado, exclama *A pena ultima!* (quem diabo lhe ensinaria a accentuar aquelle á?) e mette o pé no barro por tres columnas abaixo, dizendo bem de si, mal de nós, ora erudito, ora

quixotesco, ora philantropo, ora pillheiro, até por fim estender por sob o ultimo periodo do artigo, o nunca assás, o pifufante, o mirifico e surpreendente pseudonymo—Hencebar.

Este sr. Hencebar molestado com-nosco pelas palavras que lhe não dirigimos a elle, nem ao seu *Correio*, enfurece-se, damna-se e calumnia-nos, com perversidade, com insidia, mas com logica.

A perversidade consiste em nos intrigar com o sr. Coelho Bastos, affirmando que o humilde escriptor d'estas mal alinhavadas não é um homem bem educado, porque ataca o altar e o throno e confunde independencia de caracter com insolencia sorz etc. A insidia de Hencebar cifra-se e concitar os poderes publicos a reprimir este vulgoso boato que aqui está latente e temeroso, abrindo galerias subterraneas na consciencia nacional.

Logico entretanto logico como um demonio. Hencebar é uma conclusão cujas premissas estão estabelecidas sobre o dinheiro que o seu provavelmente defuncto mestre lhe roubou, e por isso tem periodos preciosos assim: *«E peor é tambem (dous peiores?) a insolencia com que o carnifex plumbitivo (pensará elle que isto é latim?) plumbitivo de finca?) da Democracia se refere aos principes da Regente, uma senhora, (quem, os principes?) uma mãe quem, os filhos?) dupla corda (que me diz?) mais respeitavel que a corda dos principes (de quaes principes?) e que (e que o que, seu alchimista?) um homem bem educado (como por exemplo o illustre caixa da associação commanditaria) em caso algum deve desrespeitar.»* Este interessado da commandita em associação provavelmente suppõe que a arte de escrever consiste em ter calligraphia, e saber uma phrase de mme. Roland.

Pois, muito bem.

Este artigo está com geito de ser demasiado para a consideração que e força tributar a convicções tão profundas e tão bellas como as d'este Stanley ignorado.

Não percamos tempo contudo, e passemos a admirar o nos seus tão mysticos transportes em face do espectro do cadafalso. Oh! consciencia tu ás vezes attrações o teu proprietario ou peão, e *«Trinas documentos...»*

Foi sobretudo edificante a graci com que Hencebar no fim do artigo, depois de esbanjar o seu rico palavrado, citou a respeito de ostras cruas e vinho do Renho a nunca sufficientemente repetida e commentada phrase de mme. Roland: *«O liberdade, quantos crimes se commettem em teu nome!»* Na primeira oportunidade, amigo leitor, em se tratando por exemplo da commutação da pena de morte de Almeida Junior, vê ver que elle é capaz de applicar a mesma phrase.

O leitor não acredita? E dá de barato que, sendo o assumpto ostras e vinho do Rheno, elle o faça, embora seja preciso ao leitor requisitar *cicerone* para attingir a transcendencia kantiana de semelhante applicação, e não concede que a respeito da commutação de uma pena de morte, seja elle capaz de fazer outro tanto? Ah, o leitor não concede?

Pois, então, saiba que lhe fizemos uma pequenina trahição, — Hencebar empregou a phrase de Madame Roland justamente n'este caso!

Mas, se benevolo tu, leitor amigo; observa que tambem não se pôde exigir muito mais de um jornalista (salvo seja!) que em 1887, antes contudo do fim do anno, discutindo a pena de morte em nome da civilização, pede. imagina o que pede elle — pede a morte da pena! Em nome da civilização! Em 1887! trinta e oito dias contudo antes de acabar o anno!

Depois, ha uma outra circumstancia, tambem de peso: — tratava-se de uma execução de sentença de morte, e como o leitor sabe, ha cousas que sempre occorrem n'estas affuras, e taes são a Revolução, a França, o Terror, Cromwell, Robespierre, Madame Roland, Santerre, etc.

Isto não deixa duvida nas erudições baratas, — Madame Roland, ch liberdade, quantos etc., pena de morte, cada falso, force não são só ideias congeneres, são palavras synonymas.

Vê pois, o leitor que quem tem razão é elle, — o illustre caixa.

O diabo porém, foi o terrivel jornalista fallar de um po made José Agostinho de Macedo que não conheço e que elle jornalista tambem não conhece, porque não existe: trouxe-nos isso a memoria um outro poema do mesmo José Agostinho, que tem existencia real e que é tão inflexivel para os que, como Hencebar, andam n'elle incursos, como o Código Penal o foi para Almeida Junior. Esse poema é mesmo o Código Penal de Quidam, Hencebar e outros viventes do mundo jornalstico.

Depois de citar de falso um poema do autor do *Oriente*, Hencebar concorda em que se execute Almeida Junior, mas exige que seja o imperito escriptor d'estas linhas — o carrasco...

Oh aquelle, você excede-se!... Você — a personificação do *Era no orotono* em politica e em sciencia social, você que não sabe o que é dyspnea, você que é um piegas estonteado, cheio de commiserção por aquella besta-fera do Almeida Junior e de todo em todo indifferente á pavorosa desgraça de Victorino de Menezes, — você devia ao menos ter memoria e lembrar-se dos que, como denunciante e como espiões de policia, já revelaram certa tendencia para a causa...

E te Hencebar por ultimo, amigo leitor, exigiria muita paciencia da parte de quem o lesse, se não seduzisse com arrebatamento pelo brilho capcioso de sua fatuidade risivel.

Com attitudões, com seriedade e com emphase falla na face gelada da lei e na pedra que rolou do alto da montanha; onde se prova que o homensinho, se fosse orador, jamais deixaria de levantar a sua debil voz em todos os momentos solemnes, cumprindo assim um dos seus mais sagrados deveres.

Caia artigo de Hencebar d ve ser um repositório inestimavel de lugares communs tornados originaes por effeito da ausencia de grammatica. Já é talento...

Oh jornalista, oh caixa, tu és incorrecto, delicioso e zambro!

E eis como, caro leitor, o destino se compraz em ser irrisorio para algumas creaturas. Hencebar é jornalista!

Pobre Hencebar! Cumpre o teu fardario! a nollece tua pena ao attrito de tua pelle, fricciona os membros locomotores com a materia prima que te fornece o teu eloquente pseudonymo, olha o futuro e vae Hencebar...

Vae.

Infernaes

I

— Senhor Papa, o senhor Papa.

— Quem me chama?!

— Eu, Astoroth, o diabo dos principes, dos grandes e dos Papas. Perdoae-me se interrompo a vossa prece, e se vos procuro em vosso oratorio particular; é que estou muito contente e trago-vos boas noticias.

— Mas onde estás?

— Aqui, meu senhor, n'este raio de lua que vae escorregando pelas escamas da serpente pisada pela virgem d'este quadro, bem por cima do vosso genuflexorio.

— Não vêdes como estou contente?

— Sim, mas acho o teu riso fadado, ironico, mais vingativo que alegre; esse teu riso corta alguma coisa, ha como que sangue e carnes despedaçadas, lagrimas de infelizes, ais desesperados.

— Venho de longe, meu senhor, andei a voar a noite inteira, do Brasil até o vosso oratorio tão rico, tão cheio de luar!

Não vos agrada o meu riso?, mas um diabo honesto, um demonio ás direitas, só pode buscar o seu riso na falsa devoção dos frivolos hypocritas, nos embustes dos padres, nas orgias dos devotos, em tudo o que é fingido, ridiculo, perverso e pandejo. E essas lagrimas, estes suspiros e dores, esse cortar em carne humana, tudo isso que descobris em meu riso, é de que vos peço perdão, vem das fazendas que atravessi e onde a escravaria trabalhava ao sol sob o chicote e a injuria, e onde soluçava, á noite, no tronco e na senzala sem amor, sem conforto, e sem deus que a protegesse.

— E vieste me contar essa desgraça, e vieste rir d'essa miseria?!

— Não, meu senhor, eu sou um diabo verdadeiro, e não lamento as desventuras humanas. Venho felicitar-vos pela boa colheita que os vossos padres, as vossas devotas, todas fidalgas, velhas fingindo de moças, jovens tafulonas, andam a respigar entre ricos e pobres, grandes e pequenos, para o presente do vosso jubileu.

Bella caçada, senhor Papa, bella caçada eu vos garanto, e curioso é ver a paciencia; o geito; a simulada caricia; a docura da voz ou a impetuosidade lubrica do olhar; a teimosia esperta, com que aquellas fidalgas arrancam dinheiro para vós, pobre encarcerado no primeiro palacio do mundo, humilde necessitado que tendes rendimento igual ao de uma grande nação, e dominas os povos com o vosso querer infallivel.

— Já não tem choro o teu riso, Astoroth, mas tem a covardia do punhal do bandido, o visco da cobra, a alegria insultante da maldade victoriosa. Porque te ris assim?

— Perdoae, meu senhor; mas consenti que eu me ria, orgulhoso, ao ver aquella devoção que vos amesquinha para obter dinheiro, e o vosso reinado, perturbando o engrandecimento da patria italiana com intrigas de rabulice ecclesiastica, querendo partir o solo divinizado pela conquista cheia de sacrificios de vidas, de dedicções que os homens chamam heroicas, vós me orgulhaes, senhor Papa, fazendo aliança estreita com os protestantes da Alemanha contra a França, deixando que se erga a columna de ouro que os vossos padros e vossas devotas estão construindo.



do, no Brasil quando os negros soluçam esfarrapados, sofrem castigos e injúrias, e morrem assassinados, depois de verem as amantes deshonradas, e os filhos cortados a chicote.

— Astaroth, Astaroth, que culpa tenho do que fazem lá tão longe? Não te rias assim, sinto de novo em teu riso o sangue, as lágrimas, os ais e as dores de uma multidão imensa.

— Perdão, meu senhor, eu sou um diabo, e folgo com o que se faz. Andei de parceria com essa piedade das fidalgas e dos padres, a umas aconselhei que afundassem o decóte para que a vista do collo nêvo e feiticeiro afogasse a recusa dos sollicitados: a outros que em seus sermões vos pintassem mendicante, prisioneiro, humilde, e enquanto vossos cardeais discutiam se a vossa festa devia ser deslumbrante para fascinar, ou modesta para mostrar-vos oprimido; enquanto se augmentavam as salas de vosso palácio para expor toda a vossa riqueza em alfaias, obras de arte, pedrarias, tapetes, moveis de luxo, eu ria-me dos pobres christos negros, que trabalhavam ao sol sob o chicote e a injúria, e à noite, soluçavam no tronco, e na senzala, sem amor, sem conforto e sem deus.

— Vae-te, Astaroth, quero rezar e dormir. Vae-te e não te rias assim.

— Adeus, meu senhor, eu sou um demonio e rio-me. Já vou, não vos zangueis, volto a andar de parceria com a piedade de vossos padres e devotas lá do Brasil.

C.

A convenção sanitaria

O facto primordial da administração publica n'estes ultimos dias — a celebração do pacto internacional, que deve regularizar as nossas relações sanitarias com as republicas do Prata, passou quasi despercebido e totalmente o passaria, se a louvavel solicitude de um dos diarios d'esta cidade não houvesse levantado a questão, collocando-a segundo o nosso modo de ver, nos seus devidos e justos termos.

A indifferença publica produzida por esse egoismo feroz e cruel, que lavra entre nós, attenção, prova o bem esta questão, o seu maior grau possivel: o abandono do primeiro entre todos os direitos: o direito á vida.

Tendo de operar sobre terreno tão propicio, não é de admirar que o mercantilismo que tudo invade e avasala, tivesse, como parece que teve, uma victoria prompta e completa.

Ninguém sabe ainda ao certo, as bases scientificas, estipuladas pelo conselho internacional, sobre as quaes se tem de fundar o codigo hygienico das nossas relações com o Rio da Prata; mas se o que se diz por ali em folhas publicas, tem visos de verdade e de certeza, não resta a menor duvida que quem fallou n'esse congresso não foi a sciencia que é justa e previdente, mas o industrialismo que é cego e cruelissimo.

A arbitragem celebrada entre paizes americanos, para a boa harmonia de seus interesses, mais ou menos em conflito, é, sem duvida nenhuma um facto auspicioso que deve alegrar a todos os que aspiram por um regimen de paz e de trabalho, mas isso que é muito justo e promissor, não deve fechar os olhos a quem quer que seja, até o ponto de impedir o espectáculo triste da derrota dos bons principios, derrota que pode originar medonha devastação como a do cholera.

Foram sacrificados segundo parece, os meios prophylacticos do terrivel mal e que tem scientificamente resguardado nações inteiras, vizinhas de grandes focos epidemicos; meios que ainda o anno passado nos preservaram de duas terribes correntes cholicas: a italiana e a platina.

O silencio official que envolve ainda esta questão, co'no todas as outras que prendendo-se a interesses supremos, deviam demandar longo exame e debate geral, tolhe-nos até certo ponto o vigor dos conceitos e da opinião.

O regimen livre e publico por que se regem as nações platinas permite-nos felizmente conhecer por noticias de torna-viagem os termos da solução do problema.

Dizem que ficou estipulado que as carnes salgadas, os legumes e as gramineas não são portadores do bacillus fatal, porque n'elles é impossivel a sua vida e o seu desenvolvimento.

Quem estabeleceu scientificamente este postulado hygienico?

Quem o verificou pelos processos experimentaes de que lança mão a sciencia em taes emergencias?

Que autoridades scientificas prestigia das pelo saber e pela honra, sancionaram esta verdade?

Koch, o illustre descobridor do bacillus cholerico e quem melhor tem estudado sua genesis e desenvolvimento, o que chegou a afirmar sobre esse fermento terrivel, foi que elle tinha impossibilidade de germinar nos meios acidos.

Posteriormente, porém, pôde cultivar o ma batata que, como se sabe, contém naturalmente o acido malico.

Os acidos organicos contidos no xarope não podem, pois, com segurança, premuni-lo de pullulação parasitaria.

As observações do professor Arcevalleta, que ao que pare e, determinaram a resolução do congresso hygienico, resp'ctaveis, sem duvida, pelo saber e pela honestidade do illustre sabio oriental, não podiam, de modo algum, ter a influencia que tiveram, pela natural suspeição do congressista e pela falta absoluta de verificação do principio emitido.

Verdade scientifica não é o que afirma um homem, seja elle lá quem for no mundo do estudo; q' alquer proposição só tem fóros d'isso depois que debatida e purificada pela experiencia, pe a observação e pela pratica de muitos. Iguaes em saber e em competencia.

As descobertas de Pasteur, as do nosso patricio Freire e as de tantos outros, se bem que tenham agrupado em seu favor um certo numero de probabilidades, ainda estão sujeitas a debate e a controversia sem que tenham adquirido por ora o cunho de verdades scientificas.

Se isto é assim, como é que homens de incontestavel saber acceitam como irreductivel um principio, cuja inveracidade pôde ocasionar a hecatombe de populações inteiras?

Porque a franquia das nossas relações internaciona's, em epocas epidemicas entenda-se bem, se nos pode trazer a nós o cholera, pode tambem levar ao Prata a febre amarella, endemica em nossa capital; e, conquanto a maior somma de probabilidades de invação pestilencial seja nos a, pelo consumo de diversos generos que a nossa incuria nos obriga a importar em alta escala das regiões platinas.

Qual o poder magico que fez esquecer a excellencia das medidas que já adoptamos com grandes sacrificios de execução e que nos deram soberbos resultados?

Pois é possivel que os mesmos homens que em tempos tao recentes aconselharam e puzeram em pratica o enclausuramento dos porto's, completo e absoluto, para a procedencias infeccionadas, é possivel que homens que lembraram e conseguiram realizar com grave onus para o Estado a fundação do formidavel lazareto, através do qual só pessoas e bagagens podiam ter passagem, depois dos rigores de longas e tremulas quarentenas, é possivel que os mesmos homens que pondo em acção estas medidas tiveram a felicidade de ver a patria livre de um terrivel flagello, venham agora reformar todo o systema de defesa experimentado e bem succedido?

Já se começa a fallar em inutilidade de quarentenas, em inefficacia de cordões sanitarios e em imprestabilidade de desinfecções; bem sabidos que ha quem assim pense e assim proceda, com resultados mais ou menos vantajosos, mas sabemos tambem, que essa não era a opinião das nossas autoridades sanitarias, que nos levaram á procedimento, que só podia ser dictado por crengas inteiramente opostas!

Como se deu esta subita conversão? E' o que não sabemos nem podemos comprehender.

As sinceras sympathias que tributamos ás republicas platinas, a unidade de regimen politico para a America, pela qual trabalhamos com todas as nossas forças, devem dar arrhas de nossa sinceridade e boa fé; o que não podemos ver sem graves apprehensões, é as portas da patria abertas a uma tremenda desgraça, por aquelles mesmos que com tanta habilidade já souberam evitá-la.

Oxalá não tenhamos de lamentar, no meio dos horrores de uma epidemia cholerica a nossa fraqueza e imprevidencia.

A tremenda responsabilidade dos governantes que dispõem das nossas vidas, essa, infelizmente, nem assim, poderá ser effectiva e real; este povo vive n'um marasmo brutal e atrophizador, ha de morrer silenciosamente.

Onomatomania

(DE PARVILLE)

Ha mania e mania.

Algumas são innocentissimas; não cito exemplos para não provocá-las por suggestão, posto que as d'essa especie seja licito deixar viver, com a condição de vigia-las de perto. Outras ha mais graves e das quaes cumpre desconfiar, porque podem acabar por dominar inteiramente o individuo.

Os pathologistas não hesitam em lhes dar um lugar entre as degenerescencias mentaes. Com effeito essas manias constituem verdadeiros symptomas da loucura hereditaria.

Singular machina a machina humana! Por mais que venha ao mundo com orgaos novos em folha, dir-se-hia que taes orgaos já serviram algures, ou possuem um como reminiscencias de antigos habitos. A machina sabe inteiramente nova do molde, mas conserva as marcas, boas ou más, que n'elle se accumularam delonga data. O homem é uma synthese de homens.

O alavismo e a hereditariedade são potencias soberanas. Nunca esquece-o, nem para o passado, nem para o futuro, e o primeiro dever do homem.

Os srs. professor Charcot e dr. Magnan acabam de attrahir a attenção sobre perturbações psychologicas mais singulares e pouco conhecidas.

Dão-lhes o nome generico de *onomatomania*. E' a mania da palavra. Não haja confusão; não se trata da mania um tanto espalhada de fazer trocadilhos, mas de uma preocupação constante, doentia, de achar uma palavra que escape á memoria. E' obsessão, que se traduz por uma angustia, um tormento implacavel, e afinal por verdadeiras crises nervosas.

A onomatomania comprehendendo casos diversissimos: impotente procura da palavra, obsessão da palavra que se impõe, e impulsão irresistivel de repeti-la, acção funesta de certas palavras que se reproduzem na conversação, influencia favoravel de outras expressões, enfim acção surpreendente de uma palavra que se torna para o paciente um verdadeiro corpo solido, engolido por descuido, que pesa no estomago e pode ser expellido por diversos esforços.

A angustiosa procura de uma palavra consagraram os srs. Charcot e Magnan o seu primeiro trabalho.

O proprio sr. Charcot foi quem teve a bondade de nos contar os interessantes factos que vamos narrar.

Um certo sr. S., de 60 annos de idade, passeiando um dia na avenida dos Campos Elysios encontra-se com uma pessoa, a quem conhecera por occasião de uma viagem a Roma. Pára, conversa com ella, e depois de se ter despedido, procura recordar-se do nome do seu conhecido. Não o consegue. Fenta pensar em outra coisa; mas, longe de o poder fazer, persegue-o a necessidade de achar o nome que tem na cabeça. Contrariado, acaba por sentir-se indisposto, soffrer oppressão, e *peso no estomago*. O rosto cobre-se-lhe de suor; as mãos esfriam; receando desmaiar, elle se apressa a voltar para casa, lamentando-se, affligido-se e percorrendo o aposento a largos passos, em um estado de extrema angustia. Desde esse dia o sr. S. foi muitas vezes victima da obsessão da palavra. Acabou por imaginar um estratagemma que o acalma. Logo que está com uma pessoa, escreve o nome d'ella em uma tira de papel, e quando é preciso, consulta o texto.

Mas está sempre em sobresalto, preoccupado com os nomes e appellidos das pessoas que o acaso depara em suas relações: cocheiros, negociantes, fornecedores. Custe o que custar, elle precisa dos nomes. Longe de se limitar a perturbação psychica extendeu-se, e o sr. S. é impellido a perguntar os nomes de pessoas desconhecidas que encontra na rua, que passam de carro, que viajam em um trem de estrada de ferro. A impossibilidade de satisfazer este desejo enfurece-o. Elle é obrigado a andar de olhos baixos, a não encarar

pessoa alguma, e até a fechar-se em seu quarto. E' a loucura da palavra.

Ainda ha melhor, depois da palavra veio o numero.

Esse singular maniaco conta tudo que lhe é servido na mesa, em cada refeição levanta um quadro em que são indicados os numeros de pedaços ou bocados de carne, de pão, o numero de colheradas d'agua, de vinho, de leite que vae tomar. Quanto ao leite, conta o numero de gotas contidas em uma colher e o numero de colheres em uma chicara. Chegará em breve a contar as doses homeopathicas. Para que esse calculo? Não o sabe. E' ridiculo, diz elle, mas sou obrigado a fazel-o. Si vêm á mesa um tomate, conta as sementes; si é uma pera, uma maçã, enumera as pevides. Uma vez comeu vinte cerejas, e só achou dezenove caroços; procurou o vigesimo por todos os lados e não o encontrou. Que fazer? Si o tivesse engolido? pensa elle. E espera com impaciencia a hora da verificação. Foi lamentavel: ficou de pé até a 4 horas da manhã, procurando o caroço com uma minucia, um cuidado, uma perseverança, uma febre que não se poderia explicar.

A familia não o deixava. Enfim suas pesquças foram coroadas de successo. Deram-lhe um banho, elle deitou-se e adormeceu. Que vida!

Antecedentes: avô pelo menos original, um tio morreu louco, pae muito bravo mas jogador; duas irmãs, uma maniaca, a outra delirante chronica; elle mesmo muito desregado e sujeito a accessos de melancolia.

Outro exemplo. L., de 46 annos, natureza nervosa, filho de uma mãe extremamente irritavel, teve em 1881 um accesso de delirio allucinatorio. Ido a Paris para negocios, e descansando em um café, leu em uma folha uma noticia sobre uma menina que, tendo escorregado, cahira em um esgoto, ab'rt' para concerto. Elle não conhecia a familia da menina, nem o facto lhe interessava. Tomou o trem, e voltou para casa. Alta noite desperta e procura o nome da menina; esquecera-o. Sente imperiosa necessidade de saber-o. Assenta-se no leito, acorda a mulher, geme; depois levanta-se pallido, angustiado, coberto de suor frio. Grita que sente o peito comprimido como em um estojo, falta-lhe o ar. Logo ao amanhecer, vão buscar o jornal, elle lê o nome de Jorgeta, immediatamente tem grande alivio; está curado.

Desse esse dia, as mesmas scenas; a crise só termina com a descoberta do nome.

Como o outro doente, L... anda munido de um caderno em que inscreve todos os nomes. Hoje não viaja sem o almanak de Bottin.

Moreau (de Tours) já tinha assignado um homem que cahia em crise quando não podia rememorar certos nomes, e que era obrigado a ter constantemente á vista o almanak dos 25000 endereços.

A necessidade de recordar-se extendeu-se para L... ás physionomias e ás imagens.

Entra-lhe em casa uma mulher. Quando ella se ausenta, diz elle: Essa cara vae me importunar. Com effeito, uma hora depois, evoca sua imagem que lhe escapa. Lamenta-se, chora, sente-se oprimido até poder reconstruir na imaginação as feições daquella mulher. De outra vez, tendo esquecido os traços de uma cliente, faz uma viagem de 5 kilometros para tornar a vê-la.

Durou esse estado dous annos, e cedeu após longos passeios, exercicios physicos, jardinagem, e tratamento hydrotherapico. Mas fica aberta a porta a todo o cortejo de obsessões e impulsões que acompanham o degenerado hereditario.

Um negociante de Ruão apresenta-se um dia á consulta do sr. Charcot. «Doutor, diz elle, soffro uma molestia singular. Quando não me lembra o nome que quero, fico absolutamente doente; sufoco, tenho crises.—Pois então, repliça placidamente o sr. Charcot, mostre-me o seu caderno.—Como sabe o sr.

que eu tenho um caderno?—Eu sei, mostre-me!—Effectivamente o doente tirou da algibeira um caderno e o qual por ordem alphabetica estavam inscriptos os nomes e endereços de um grandissimo numero de pessoas. E' o caderno de endereços a caracteristica da primeira forma da onomatomania. Os mesmos expedientes, o mesmo remedio.

Mencionam assim os srs. Charcot e Magnan diversas observações que entre si apresentam a maior analogia. Citarei uma por ultimo. O sujeito é homem de 70 annos, mal equilibrado, rico, e sordidamente avaro. Durante muito tempo foi victima da angustiosa procura da palavra. Para pôr termo á sua ansiedade e ás suas lagrimas, a mulher e a filha vinham em seu soccorro e pronunciavam palavras que podiam referir-se á que o doente procurava. Quando chegavam a achá-la, o maníaco ficava alliviado, acalmava-se e ia bem. Quando os primeiros esforços não davam resultado, recorria-se ao dicionario, e muitas paginas eram lidas, ás vezes, para se encontrar a palavra. Passar noites em claro a folhear dictionarios e para fazer delectar Littré e a Academia.

A onomatomania não é, pois, uma illusão. A mania da palavra que escapa á memoria é uma realidade. A ninguém a des-jamos; é uma forma de obsessão, que torna a vida desagradavel não só para o sujeito, mas tambem para aquelles que o rodeiam. A causa remota é evidentemente devida á hereditariedade.

A honestidade monarchica

Ha muito tempo que o Governo Imperial faz uso das demissões e remoções *a pedido* quando necessita exonerar ou transferir de um lugar para outro os magistrados e empregados que em certas localidades ou em certos cargos resistem ou não prestam auxilio aos manejos eleitoraes em favor da politica official.

Servindo-se gratuitamente da formula — a pedido — ou lançando mão de requerimentos apocryphos das auctoridades a denittir, o Governo conseguia sempre o seu intento confiado em que a natural pusillaniedade de muitos funcionarios lhe garantia a mais passiva subserviencia.

Alguns factos porém teem aberto excepções á deploravel covardia das auctoridades brasileiras e ultimamente um illustre magistrado, o sr. Dr. Soares de Brito, removido da comarca de Santarém, na provincia do Pará, declarou em artigo publicado na imprensa d'essa provincia e do Amazonas que não sollicitara a remoção que lhe dera o Ministro da Justiça.

Depois d'este desmentido energico, que vale articular falsidade ao acto do Poder Executivo, estamos curiosos por saber se o Governo reintegrara o intrepido Juiz á posse da sua comarca ou terá a coragem de reiterar a remoção,

effectuando-a agora a bem do serviço publico.

O que seguramente não se fará, entretanto, é a demissão do ministro pouco escrupuloso e a sua responsabilidade ou a de quem for auctor do falso pedido de remoção.

Não se compadeceria esse proceder propria da corrupção e aviltamento das republicas dissolutas, com a austera probidade dos poderes constitucionaes d'esta terra, onde os generaes Caffarelli julgam e administram e são reos os magistrados honrados.

Gazeta Nacional

Depois d'amanhã começará a publicação da Gazeta Nacional aldiário republicano, sob a redacção do dr. Aristides Lobo, e gerencia do dr. Almeida Pernambuco.

Escriptorio, á rua dos Ourives n. 21.

A «PATRIA»

Ha entre nós um politico de uma tenacidade admiravel; de uma abnegação heroica, não conseguirá desgostar-o a indiferença com que tem sido recebida e considerada sua perseverante dedicação; sempre o inspirará o mesmo fervor pela boa causa; habilitado a descrever da justiça dos homens e do valor e utilidade de suas palavras, seu jornal a «Patria» perdura ainda como o santo orgulho do veterano, que no seu abandono, envia seus ultimos clamores para indicar aos que o menospresaram, que elle vai morrer na brecha a despeito de sua ingratidão.

Seu coração, assolado por todas as dores apprendeu nas provações a conhecer todas as delicadezas do sentimento; seu vasto espirito exercido em todas as investigações, conhece todas as veredas emaranhadas por onde, na politica, se chega a verdade.

Entretanto parece haver exagero nas suas considerações sobre o papel politico representado actualmente por S. A. I. Regente; o facto d'esse papel é incontestavelmente real, mas o da intenção duvidamos que o seja porque ainda temos a fraqueza de acreditar na pureza dos sentimentos da Augusta Senhora.

Seu espirito de mulher não

tem talvez toda a malicia necessaria para perceber as subtilidades insidiosas com que seus ministros fazem jogo a sombra de sua responsabilidade. E' a esses que devemos imputar todos os ardis empregados para sustentar uma situação, que tem necessidade, para se manter, de illudir grosseiramente o publico.

E' conhecido e pelo intermedio insuspeito de S. M. a Imperatriz o desejo manifestado pelo Imperador de voltar para o Brasil.

Quer provenha esse desejo da falsa crença do estado satisfactorio de sua saude, quer do presentimento da morte imminente, na ha razões, que justifiquem a contrariedade opposta a sua vontade em qualquer dos casos muito justa.

Se S. M. I. sente-se são e capaz de vir de novo assumir o posto, que lhe compete de direito na governação do paiz; não lhe disputem o lugar; se, n'outra hypothese, elle sente precipitar-se os passos da morte, é altamente deshumano privar-o d'esse concheiro da familia, que deseja para seus ultimos dias de vida e da satisfação de ver escoar-se sua existencia n'este canto de terra a que elle a dedicou toda.

Póde S. A. I. Regente na obsecração de sua ternura filial alimentar ainda a esperança exagerada de ver seu pae restabelecido pelo clima Europeu, é uma fraqueza muito natural; quanto a seus ministros, esses certamente não conservam a menor illusão, sabem que os dias do monarcha estão contados, que não tarda o desfecho fatal e procuram tirar o maior proveito possivel do escasso tempo, que lhes resta. Nem pode haver outra explicação plausivel para seu modo de proceder; a elles, que são fortes para embrulhar a nação inteira, não deve ser difficil illudir uma fraca senhora, mais conbecedora de sua vida intima que do valor dos homens e das cousas, embalando-a com hypocritas e mentirosos protestos de dedicação.

Não seja S. A. I. totalmente surda a voz authorisada d'aquelle velho que lhe falla sinceramente, mostrando a estrada franca da verdade; é a voz de quem tem aprendido nas asperezas da vida a conhecer o valor exacto dos homens e das cousas.

Hoje dão-nos os vossos homens do governo o espectáculo repugnante d'essa quitanda de consciencias e cara-

cteros exposta na ante-camara de um moribundo, mais tarde dar-nos-hão o do tripudio cynico e brutal sobre sua sepultura.

Então talvez, que ao vel-os de frente e a toda luz, V. A. tenha ascô d'esses reptis, que hoje conspurgam por seu contacto o limiar de vossa vida de familia e aos quaes deverá o remorso da responsabilidade tremenda em que está incorrendo actualmente, sem duvida inconscientemente.

Volte S. M. I.; será o menor dos males ainda assim.

O contacto da Europa sempre foi de uma influencia benéfica para suas idéas, sua volta de lá sempre ficou bem assignalada; diz-nos o coração que esta virá rematar a redempção dos captivos e realizar uma re-expulsão, que já não virá sem tempo.

P. M.

Memorial da folha

ADVOGADOS:

J. Saldanha Maranhão.
Alvaro Chaves.
R. Sá Valle.
Rosario, 57.

Cyro de Azevedo.
Becco das Cancellas, 2

Aristides Lobo.
João Coelho G. de Lisboa.
Ourives, 21.

Ubaldo do Amaral.
Jorge do Amaral.
Quitanda, 47.

F. A. Pessoa de Barros.
Carmo, 42.

J. Xavier da Silveira.
Alberto S. M. Torres.
Ouidor, 41.

J. B. Sampaio Ferraz.
S. Pedro 4.

Luiz Murat.
Alexandre Ratisbona.
Quitanda, 42.

J. A. P. de Magalhães Castro.
r. do Hospicio, 31.

Eugenio V. Catta-Preta.
Alfandega, 42.

CHAPEUS

Grande liquidação até 31 de Dezembro por motivo de reforma do estabelecimento

82 -- RUA SETE DE SETEMBRO -- 82

Compõe-se o sortimento d'esta casa de um bonito sortimento de chapéus enfeitados, para senhoras, moças e meninas, sendo dos feitios mais modernos; grande sortimento em chapéus para homens e meninos, fabricados nas principais fabricas de Pariz, Londres e Hamburgo.

Para facilitar ao publico, adoptou-se desde já o systema de — exposição permanente, com os preços marcados nas fazendas — podendo por esse systema uma criança comprar, sem receio de ser enganada.

Recommendo, pois aos interessados n'estas vantagens não comprarem chapéus sem visitar a CHAPELARIA DE LONDRES, á Rua Sete de Setembro n. 82.

Chapelaria de Londres

Papelaria e objectes d'escriptorio

ARTIGOS DE FANTASIA

Officina de typographia, gravura e marcação de papel em relevo

FABRICA DE CARIMBOS DE BORRACHA

J. M. PARREIRA & C.

- RUA DE GONÇALVES DIAS - 63

PROXIMO A' RUA DO OUVIDOR

RIO DE JANEIRO

TYPOGRAPHIA

DA

DEMOCRACIA

Encarrega-se de qualquer trabalho typographico, bem assim de composição, revisão de periodicos, theses, notas commerciaes, programmas, etc.

40 -- Rua de S. José -- 40

LABORATORIO CENTRAL

HOMŒOPATHICO

— DE —

A. G. DE ARAUJO PENNA & COMP.

47 -- Rua da Quitanda -- 47

RIO DE JANEIRO

Fornecedores da Santa Casa da Misericordia do Rio de Janeiro e do Hospital da Veneravel Ordem Terceira da Penitência; premiados nas exposições nacionaes de 1873, 1875 e 1881, e internacionaes do Chile e Philadelphia, pela perfeição e pureza de seus remedios. Completo sortimento de medicamentos em tinturas e globulos, livros dos melhores autores e todos os artigos de homœopathia.

ESPECIALIDADES

CEREUS BRAZILIENSIS. — Remedio poderoso e effcaz, de uma acção prompta para a cura das affecções do coração; privilegiado pelo governo imperial.

PHENOLINA PENNA. — Cauterio para acalmar instantaneamente as dores de dentes mais rebeldes.

CHENOPODIUM ANTHELMINTICUM. — Vermifugo homœopathico em pó, muito effcaz para expellir as lombrigas das crianças.

OPODELDOC DE GUACO. — Poderoso remedio contra o rheumatismo, nevralgias, queimaduras, tumores, inchacões e dores em geral. O uso d'este linimento é aconselhado pelos medicos mais considerados; sua acção é prompta e seu emprego facil. Toda a casa de familia deve possuir este remedio excellente.

Todos estes preparados encontram-se nas principaes pharmacias, drograrias e no

Laboratorio Central Homœopathico

—»: DE :«—

A. G. DE ARAUJO PENNA & COMP.

RUA DA QUITANDA, 47

MODAS

A casa franceza de Mme. Marie, á rua de Gonçalves Dias n. 39, tem sempre um grande sortimento de chapéus para senhoras, fitas, flôres, plumas, etc.

Enforma chapéus, tingem plumas, fabrica e concerta leques.

39--RUA DE GONÇALVES DIAS--39

Typ. d'A DEMOCRACIA. — Rua de S. José n. 40.